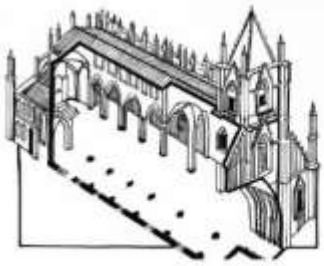
USP ESALQ – ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
Veículo: UNESPCiência
Data: 26/05/2015
Caderno/Link: Páginas 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18 e 19
Assunto: Vale da Fé

Vale da Fé

PESQUISA APRESENTA A ARTE SACRA QUE CARACTERIZA O VALE DO PARAÍBA

Praça da igreja Matriz em São Luiz do Paraitinga, SP

Matriz de São Bento, São Bento do Sapucaí



O destaque do livro está no estudo das construções religiosas. O estudo nasceu do pressuposto de que o templo religioso foi, no período colonial, o principal centro religioso e cultural em torno do qual as vilas cresceram. A igreja matriz tornou-se desde então o foco visual na praça principal.

A obra é, em parte, o conteúdo da dissertação de mestrado "A construção religiosa no contexto urbano do Vale do Paraíba, estado de São Paulo", defendida na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP) em 1984, incluindo os desenhos a bico de pena que Tirapelliho na época. Para esta edição, foram ampliados os estudos e as análises de igrejas do período republicano até 1950, realizados novos desenhos e produzidas novas fotografias entre 2008 e 2014.

O livro soma os anos de vivência do autor com a área do Vale, desde a adolescência, no Seminário de Santo Afonso, em Aparecida; a publicação de diversos livros sobre arte sacra; e a sua atuação como consultor do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueo-

Sede Aguiar Valim, na Praça Rubião Junior, Bananal

Fazenda Pau d'Alho. Terceiro casa desde a escrava com o antigo engenho de cachaça (à esq.) e residência ao fundo. São José do Barreiro, SP, 1898

Pregoeria de aquarela de Thomas Ender. O convento franciscano em Taubaté, 1817.

Pregoeria de aquarela de Thomas Ender. Vista da igreja e Capela de Nossa Senhora Aparecida, 1817.

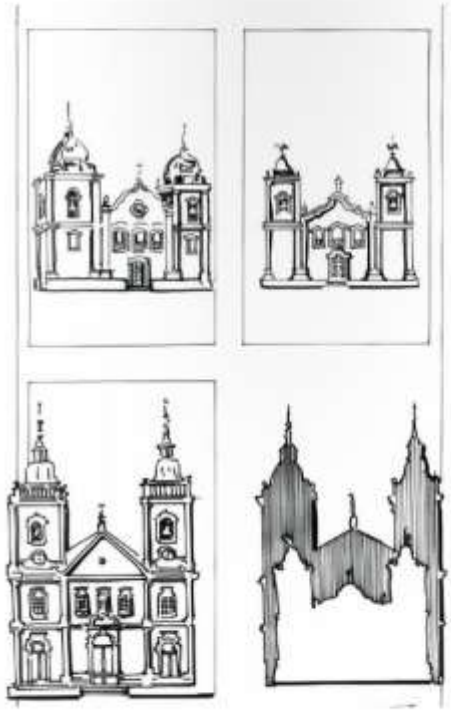
Rigby, Antunes e Tomasco (Condephaat) em relatos sobre a arquitetura sacra do Vale do Paraíba, em 2000.

Percival conta como a urbanização do Vale do Paraíba foi determinada para se criar um mosaico de vilas no caminho entre as serras do Mar e da Mantiqueira, ao longo do Rio Paraíba do Sul, em busca das terras de ouro, com a consequente ocupação territorial seria acima em terras indígenas.

A publicação aponta ainda como, com o progresso econômico, as construções religiosas passaram por reformas de atualização estilística, na maioria das vezes sobre as estruturas conservativas de taipa de pilão, presentes até o final do século XIX.

As fazendas, por exemplo, ganham apenas recipientes engenhos de cana-de-açúcar, aguardente e farinha de mandioca, passaram, com a cultura do café, a receber escravos. Com a riqueza dos fazendeiros, as sedes de fazendas foram ampliadas e embelezadas, e as antigas capelas em taipa de pilão passaram a receber tratamentos estruturais.

Os edifícios governamentais, como a Cadeia e a Casa de Câmara, passam a ter chef destaque com a crescimento das cidades. Muitos



Esquema das diversas igrejas de Nossa Senhora Aparecida, SP

Tiuppi: a construção das cidades expressa o poder da Igreja Católica

LIVRO É REFERENCIAL PARA ORGÃOS DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO

Paulo Daniel Farah

O livro Arquitetura Urbanismo no Vale do Paraíba – desenhando no sertão, de Pascual Tiuppi, traz diversas informações. O primeiro deles foi na Livraria da Vila do Shopping Higienópolis, em São Paulo, dia 25 de março, com mesa-redonda que teve a participação de Ana Luiza Martins (orientadora) e Victor Hugo Mori (arquiteto) e sessão de autógrafos.

"O livro já é um referencial para os órgãos de patrimônio histórico do país. Um embasamento para o que deve ser preservado", afirmou a conselheira do Condephaat (Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo) e historiadora Ana Luiza Martins. Durante a divulgação da pesquisa, que, a partir da arquitetura das igrejas da região, aponta o desenvolvimento das cidades desde o século XVI até a metade do XX.

Para Ana Luiza, o Vale do Paraíba representa a própria história formação do Brasil, com seus ciclos econômicos e políticos. Localizado entre as serras da Mantiqueira e do Mar, a região viveu entre a busca de ouro, nas primeiras viagens exploratórias e como rota vinda de Minas Gerais para Paraty.

Teve ainda o período das igrejas. "Mas foi com as plantações de café que viveu riqueza. Após a metade do século XIX, a região teve seu auge econômico, e via a modernização avançar pelas bolsas de verde, como as construções das igrejas foram raras."

De acordo com a historiadora, a pesquisa desenvolvida na Unesp abarca todo esse desenvolvimento, por meio da análise da arquitetura das cidades formadas ao longo dos rios da bacia do Paraíba do Sul. "A arquitetura é a história construída", concluiu.

Já na visão do arquiteto Victor Hugo Mori, o livro promove uma leitura das pesquisas sobre arte e arquitetura no país, ao registrar a importância do chamado Ecletismo nas construções das igrejas, capelas e palacetes, no final do século XIX e início do XX. Mesclando elementos de outros períodos, como Barroco, Neoclássicos, essa escola arquitetônica influenciou as principais construções da região no seu período de auge econômico.

Mori aponta que, adotando uma ideologia modernista, o Sphan (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) sob a tutela de Lúcio Costa (1902-1998) ignorou a beleza arquitetônica e artística do período de forma bruta, com uma passagem direta do Barroco para o Modernismo.

Dessa forma, o Serviço, que teve seu período de maior importância no final dos anos 1930 e anos 1940. "Nesse contexto, o livro de Tiuppi traz subsídios de um olhar para a conservação do patrimônio histórico do país", salientou Mori, que atua como conselheiro e arquiteto no Institute de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

A construção das cidades, tendo como centro as igrejas, expressa o poder da Igreja Católica no período escolhido. "Mesmo com a vida mundana que conhecemos, a Igreja ainda era o foco visual da cidade", analisa Tiuppi, ao falar do desenvolvimento das cidades e da construção dos palacetes, ultrapassado o período do café. "Mesmo a construção das cidades tendo como foco trabalhar a construção das igrejas, ampliando-se para cassinos, estações ferroviárias e escolas da Primeira República."

Palacete Palmeiras, Pindamonhangaba, SP

delas também eram originalmente feitas de taipa de pilão.

Herança dos bandeirantes, a técnica, de uso comum até a metade do século XIX pela sua rusticidade, revela-se apropriada para as igrejas com torres de grandes alturas, cujas bases correspondiam aos conselhos laterais ao longo das amplas naves.

No século XX, a região sentia as incertezas da economia brasileira até a era industrial. Sua posição de corredor e passagem de riquezas e cultura tornou a vulnerável aos resultados, devido à extrema receptividade de influências. "Essas transformações impossibilitaram ao Vale, já globalizado graças aos intensos intercâmbios comerciais e técnicos, criar uma arquitetura própria", acredita Tiuppi.

O Vale, para o autor, é um campo experimental das transformações econômicas – período de cana, de café, da pecuária e da indústria – e sociais, com os ingressos de trabalho escravo de negros africanos, o fluxo dos imigrantes, e a passagem das técnicas construtivas artesanais para a mão de obra especializada de construtores, mestres e arquitetos.

No Império, o Vale, com o cultivo do café e a predominância de novas técnicas racionalizantes, passou por uma fase de consagração de pala-

O VALE É UM CAMPO EXPERIMENTAL DE TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS E SOCIAIS

cetes. "Isso coincidiu com a importância de conservar a religiosidade colonial. As construções religiosas mantiveram-se como focais de festas, e a Igreja permaneceu como irradiadora dos pensamentos morais e expressão do prestígio local dos barões do café", analisa o autor.

"Pesquisar e escrever esta obra proporcionou-me a alegria de rever e revisitar essa belíssima e importante região brasileira que tanto me marca como pesquisador e artista", concluiu Tiuppi. ■